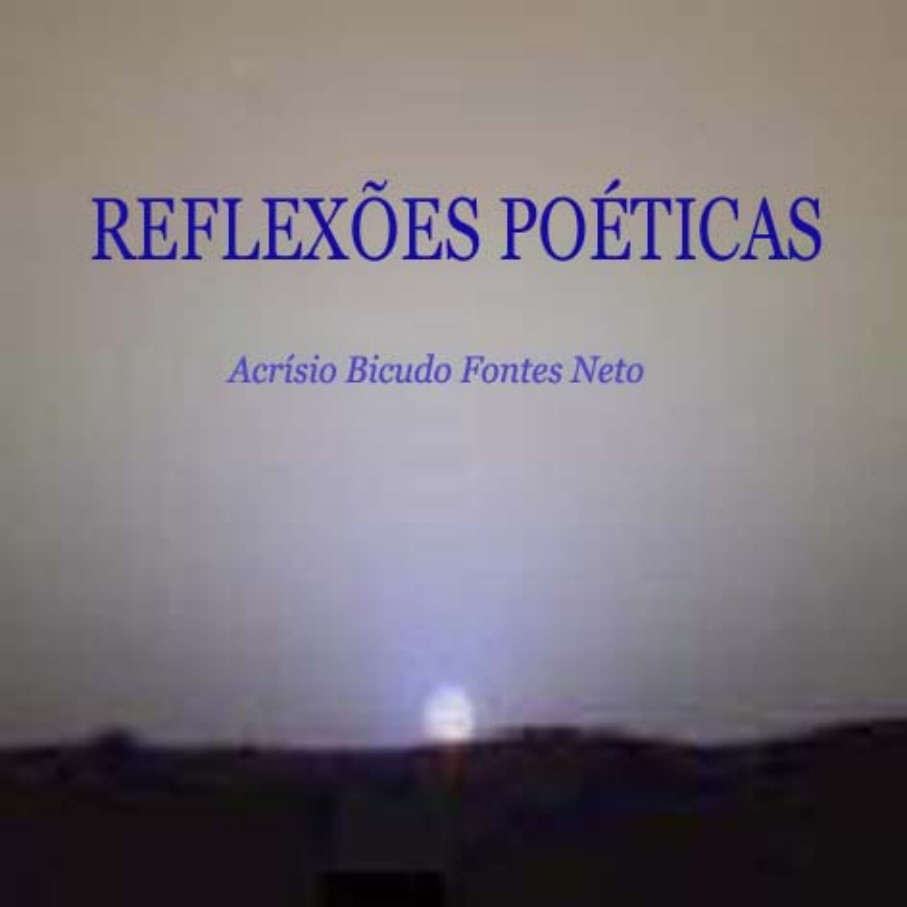


REFLEXÕES POÉTICAS

Acrísio Bicudo Fontes Neto



REFLEXÕES POÉTICAS SOBRE O MUNDO DE HOJE

Acrísio Bicudo Fontes Neto

Hino à Beleza

Mesmo contemplando
O infinito em seus olhos,
Continuo sem entender
A antítese da paixão:
Ao mesmo tempo perene e efêmera
Esta, a pior das Harpias
Que, durante o dia
Faz fraquejar nossa consciência
E à noite, elimina nossa decência
E dignidade diante de seu ídolo.
Que fazes com minha libido?
Nem toda beleza do mundo,
Incutida nesse poema
Poderia ser comparada
Ao brilho de seus cachos ao luar:
Como você me faz sonhar!
Como poderia eu, mero mortal, me esquivar,
Diante de sua infindável beleza
Resplandecente, a brilhar,
No negror da noite, à luz do luar?!
Não... sou teu amigo,
Teu servo e protetor,
Mas a única coisa que quero,
Acima de tudo, é ser o teu amor.
Permita-me isso
E serei o mais feliz dos mortais.

Natal

Há muito não escrevo,
Mas hoje sinto-me inspirado
E ansioso,
Por usar uma pena nova
E por essa época,
(Não tão maravilhosa),
Que é o Natal:
Época boçal,
Pois hoje não passa de feriado comercial.
Afinal, quem se lembra
De amor, ou do nascimento do Salvador?
Ninguém! As crianças querem presentes
E as famílias reúnem-se
Apenas para relembrar pequenas picuinhas,
Já antigas, sempre,
E todas bem mesquinhas.
A humanidade está podre de fato
E já de há muito,
Não distingue o certo do errado,
Pois que esse fato
Se refletido,
Percebe-se absolutamente sem sentido.
Não digo com isso,
Que não deva haver a troca de presentes:
Mas torná-la o principal motivo
E fazer a imbecil lenda de “Papai Noel”
Suplantar a comemoração do nascimento
Do Cristo –
Será que não há limites para a ambição?!
Precisamos urgentemente rever nosso padrão,

Para fazer o Natal retomar
Seus valores:
Principalmente o de renovação
Da esperança –
Coisa que anda extremamente em falta
Para nosso povo sofrido
Que habita nosso querido Brasil.

É Impossível te esquecer, amada!

Não adianta!
Por mais que eu tente;
Por mais que eu deite, levante, sente,
É impossível te esquecer:
Para tudo que olho
Eu imagino te ver,
Em tudo que sinto
Eu imagino você,
Quando bebo
Afogo minhas mágoas por não te ter,
Quando saio
Imagino como seria bom te aquecer
Em um feriado, em maio.
Quando te vejo então, fico louco –
Não consigo me controlar:
Eu perco a fala
E novamente, apenas imagino...
Fico pensando em como seria bom,
Fico imaginando teus olhos lindos,
Teus cabelos sedosos
E então, em julho,
Quando vem realmente o inverno
E com ele o frio,
A solidão começa a pesar
E eu, mais uma vez, começo a imaginar
Como seria bom,
Se você me deixasse te amar.

Uma nova Era

Coisas que eu nunca tinha imaginado...
Durante toda minha vida
Eu me sacrifiquei,
Durante toda a vida
Eu me perguntei:
Será que conseguirei?
Não sei!
Agora que não mais os verei todos os dias
Eu penso;
E aí percebo que toda minha alegria
Transmutou-se em tristeza
Pois não mais vê-los-ei todos os dias,
Ai cabeça minha!
Ai, coração que sofre!
Sofro por saber,
Sofro por pensar,
Sofro por sofrer,
Que uma Era está para acabar
E que uma nova, em minha vida, estabelecer-se-á!

CÂNTICO DAS ESPERANÇAS PERDIDAS

CANTO I

Vejam as nuvens negras no céu
E contemplem a fúria dos Deuses;
De como retiram os sete véus
Que descobrem a tétrica face
Da doce morte.
Ela chega para todos
E me chama “filho querido”,
Me aconselha,
De que não posso ser tão aguerrido
Às minhas idéias,
Que não posso ser tão obstinado,
Que sou um predestinado
(como todos somos),
Que não posso nunca, ser amado,
Por mais que eu ame...
E por isso, me envolve
Em seu jogo de esconde-esconde,
Esperando a hora de me revelar
Que não adianta
Me esconder quando ela por mim clamar.
Triste verdade a de tudo que amo ter de me separar...

CANTO II

Após essa conversa,
Com pressa
Me tranquei em mim
E pude sentir
A textura petrificada
E a sensação
De putrefação
Que consumia não apenas meu coração,
Mas toda minha existência:
E tentei então
Encontrar um motivo
Para permanecer são.
Vivemos em um mundo de expiação
E provas,
Sempre uma sucedendo à outra,
Sempre tentando deixar a essência
Louca, assim como a existência
Da raça-humana.
Nesse contexto,
Ah! Não tenho mais o que almejo
Nem enxergo esperança!
Apenas sei, ou sinto,
Talvez puro instinto,
Que devo continuar minha andança,
Pois sou um predestinado –
Um prometido à (falta de) sorte –
Um destinado à morte,
Pranteando meu amor perdido
Enquanto sinto-me ferido,
Tentando curar
Chaga profunda de desilusão,
Sabendo que não vai fechar
De forma tão...

Rápida.
Isso, nem a mãe morte pode me tirar!

CANTO III

Nesse delírio,
Onde perdi completamente o livre-arbítrio,
Me perco
E me destruo.
Mil vezes morro
E mil vezes ressurjo
Para ver tudo de novo.
Meu amor acabar,
Apesar de novo;
Minha sorte findar
E minha vida, rumo errado tomar,
Para depois terminar
Destruída pela dor
E afogada nas lágrimas...
Ah Deus! Senhor!
Porque exiges da minha vida, felicidade e sorte o penhor,
Para poder revisar
Onde vim a errar?!
A dor
Do fim de um amor
É tão grande
Que deveras não posso suportar.
Não creio que vá sobreviver
E, mesmo que vá, não pretendo,
Quero morrer,
Para não ter que lembrar,
Não ter mais que acordar,
Não ter que conviver com o sofrimento,
Não ter que viver sem alento,
Não ter mais que amar
Para tudo isso evitar!

CANTO IV

Chegando nos confins do coração,
Podendo ver e tocar minha emoção,
Percebo que ela se transmuta:
De amor para desilusão.
Ah amor!
Tu que nos dá o frescor,
Que nos lega felicidade,
Quando transformado em saudade
(e da pior maneira),
Só nos faz fazer besteira
E pensar asneira
E agir de forma errada.
Cada vez que sofro por amor,
Cada vez que sinto essa dor,
Perco a fé
E cede minha esperança na vida,
Pois se logo que uma cura,
Nos vem outra ferida:
Será que não tenho o direito de ser feliz?
Esta é a pergunta da minha vida
E da minha morte...
No dia em que souber a resposta,
Poderei, enfim, definir minha sorte
E, quem sabe, assim ser feliz;
Mas talvez tenha que morrer
Para poder
Esta resposta obter;
Pois há 20 anos a procuro em vida
E a única coisa que consegui,
Além de muito me ferir,
Foi o vazio, o nada.

CANTO V

Delírios!
Delírios febris que me consomem,
Que contestam que eu seja homem
E me enlouquecem
Cada vez mais
Para depois me matar.
Novamente vejo na areia
A triste face
Da doce sereia,
Negra e pútrida,
Clamando em alto-brado
A alma deste bastardo.
E respondo-lhe:
- Senhora, não se afobe,
Pois antes que, neste mar de lágrimas
Me afogue,
Antes que eu seja consumido
Por esse fogo bandido
Que é a desilusão
Que destrói meu coração,
Não hesitarei um instante
E não me esconderei como infante
Da minha hora fatal.
Quando for chegada a hora
De me dares o beijo mortal,
Não esperarei,
Nem hesitarei:
Apenas assentirei;
Pois muito me apraz
A idéia de, na Senhora, morte,
Encontrar minha tão almejada paz.

CANTO VI

Porque tem que ser assim?
Porque a vida
De tão atrevida,
Joga conosco –
Dá e depois tira?
E a morte,
Feliz com minha triste sorte,
Vendo minha hora se aproximar
E meu tempo de sofrimento findar
Responde-me:
Querido filho,
O sofrimento nesta vida
É irreal,
É uma putativa ferida,
Pois meu beijo,
O ato final, de partida,
Há de com tudo terminar,
A dor findar
E tudo curar.
A vida não existe senão para acabar.
Viver é o prelúdio,
A morte,
Pois não há outra sorte,
Essa sim é a estória,
A realidade.
A saudade,
O amor,
A dor,
A felicidade,
Nada existe na realidade
Pois só existe uma coisa: e essa sou eu!

CANTO VII

Ah, esperança vã
De que tudo volte a ser como era!
Tu agora, não passas de uma quimera
Que me consome,
Mesmo comigo estando perto do fim.
Não adiantaria gastar meu latim
Para tentar
Quem sabe, recuperar,
A minha vida
Já praticamente perdida.
Me falta ânimo
E me sobram saudade, amor
E muita, muita dor
Pelo meu amor
Que me abandonou.
Não sei o que fazer
Para escapar
De toda essa loucura
E infelicidade.
Se nos matasse a saudade!
E na verdade
Creio que ela nos destrói,
Por dentro nos corrói,
Fazendo-nos sumir aos poucos
Até nada restar
A não ser um corpo
Vazio, sem emoções,
A não ser uma,
Ou melhor: várias decepções.
Triste é o dia
Em que finda a alegria!

CANTO VIII

Estou morrendo
Da pior forma:
De dentro
Para fora.
Comecei a apodrecer
E já não consigo suportar
O meu próprio cheiro.
Não creio que possa consertar:
O que está feito, feito está!
Tudo o que me resta é esperar
O meu momento chegar
E dessa triste vida passar
Para a paz,
Sentindo o doce beijo
Da temida morte.
Não quero mais ter que viver
Se for para sofrer!
Mesmo que eu queime no inferno,
Me sentirei melhor
Do que sentindo esse inverno
Dentro de mim.
Agora que já vim a enlouquecer,
Só falta o ato final
Para de vez ceder
E enfim poder
Essa vida
(maldita!)
Terminar: vou morrer
De desgosto
E nunca mais terei que ver seu rosto;
Assim não terei que sofrer!

CANTO IX

Estou suando
E com muita febre.
Não estou mais suportando
Esses delírios:
Malditos fantasmas
Que estão me matando!
A hora
Está muito próxima agora.
Já estou sem cigarros
E o álcool já não afoga
Mais a mágoa
Do amor perdido,
Da esperança – destruída
E dessa enorme ferida
Aberta em meu peito,
Cada dia que passa mais podre, fétido e feio!
É impossível suportar!
É muito difícil viver!
É penoso agüentar
Esse sofrer, sofrer, sofrer!
Creio que realmente esperanças mais não há
E muito menos motivos para viver!
Sinto a morte do meu lado chegar
E parar
E esperar
Enquanto fico na cama, a estrebuchar
Desesperadamente,
Nos meus últimos momentos
Neste mundo nojento, violento e sem alento.

CANTO X

De repente, ela me olhou
E então sentenciou:
Está na hora!
Deves partir agora
Comigo. Então não haverá mais sofrimento
Nem alento,
Não haverá mais dor
Nem esperança,
Não haverá mais amor
E nem tampouco sentimento:
Só haverá o nada,
O vazio
E o frio.
Dispus-me desde o início
A te acompanhar.
Mas, antes de te beijar
Para nosso acordo, com minha vida, selar,
Deixa-me ditar
O meu epitáfio.
Então, comecei a recitar:
Aqui jaz o senhor Acrísio Bicudo Fontes Neto.
Sofreu muito nessa vida, por certo,
Graças à desilusão
Que partiu
E finalmente destruiu
O seu pobre coração!
Não choreis, pois será em vão!
Lembrem-se apenas
Que, para fugir das dezenas
De desalentos que tinha,
Fez um pacto com a Sra. Morte.
Lembrem-se que, numa noite fria
De verão,

Parou-lhe de bater o tão sofrido coração.
Recordem-se que viveu com paixão
Enquanto pôde
E que, durante vinte anos
Buscou, unicamente, o amor
Que lhe pregou uma peça;
E que foi tão grande a dor
Que o consumiu
E por fim o matou!
E morri às últimas palavras:
Tudo escureceu
E nada mais vi
Ou senti,
A não ser o negror...
E finalmente, na morte,
Pude achar muito mais do que paz: achei o amor!
O amor de Nosso Senhor
Por nossa hedionda raça.
E então pude descansar em paz...

Fiquei muito tempo pensando no quê
Poderia escrever
A você
Sem as mesmas coisas dizer:
Mas é inevitável a repetição
Quando se escreve sobre o amor.
De todas as formas meu sentimento demonstrei
E, com detalhes, narrei
A minha vida, meu jeito, minha personalidade,
De como fico de saudade
Quando longe de você,
Como fico triste e fraco
Quando muito tempo sem te ver,
Como me res senti
E quase sucumbi
Quando a mim um tempo veio você pedir.
Tudo isso poderia repetir
E mil vezes de novo dizer
Se isso enfatizasse meu amor por você.
Me apaixonei perdidamente
E à primeira vista:
Logo eu, um descrente!
Até você aparecer,
Vivia a beber
E a andar, sem rumo,
Por esse mundo,
Crendo que solitário sempre seria
E que à felicidade nunca encontraria,
Até você surgir
E mudar minha vida.

Esta carta pode ser repetitiva,
Mas não vejo como poderia ser mais sincero:
Tudo o que é belo,
Toda a felicidade
E sentimento do mundo
Me faz lembrar você
E me faz esquecer
De quão infeliz eu era
Até te conhecer.
O que mais repetitivo poderia ser
Do que “eu te amo”?
Entretanto,
Nada poderia ser mais sincero
Que esta simples frase nesta fria noite de inverno
Em que não posso te tocar ou te ver
Para o meu coração aquecer.
Agradeço por tudo,
Peço perdão por nada
E, minha cara amada,
Repito: te amo
E preciso, cada vez mais, de você.

JESUS.

Quem é o senhor?

Que tantas vezes causou estupor?

- Não me perguntes filho,

Pois este poema não precisa de um estribilho

Para que, em teu coração, saibas que sou o amor.

O POETA.

O poeta é um mero instrumento
Pois, é usado e abusado por seu sentimento
E o seu pensamento,
Com o único intuito de escrever
Para que todos possam ler
Sem que, entretanto, a maioria possa entender.

OS NOVOS MANDAMENTOS.

- Bem aventurados aqueles que tiverem dinheiro,
pois deles é o destino do país;
 - Bem aventurados os bicheiros,
pois deles se provará o fel;
 - Bem aventurados os corruptos,
pois estes não irão para a cadeia;
 - Bem aventurados os fraudadores,
pois estes também não irão para a cadeia;
 - Bem aventurados aqueles que têm poder,
pois eles são os maiores;
 - Bem massacrados os pobres,
pois eles são os menores;
 - Bem aventurados os exploradores,
pois eles serão sempre exploradores;
 - Bem aventurados os ladrões,
pois eles serão os chefões;
 - Bem aventurados os adolescentes homicidas,
pois eles ajudarão à sociedade matando gente-de-bem;
 - E bem aventurada a população,
que será sempre roubada;
- ... A não ser que eles percebam
Que há alguma coisa errada...

O MARTÍRIO DO POETA.

Não consigo mais escrever!
Um mísero poema já não consigo mais fazer!
O que será que comigo está a se suceder?

Ignorância? – Não pode ser!
Falta de idéias? – Não, não consigo conceber.
Minha mente é um turbilhão de idéias
Que é deveras difícil uma apenas escolher.

O que estará acontecendo?
Porque não estou mais escrevendo?
Isto é como um martírio profundo,
Que, aos poucos, vai destruindo meu mundo
Até conseguir chegar à alma deste ser moribundo
Para destruí-lo,
De forma a que nada sobre para atestar sua passagem por
este [Mundo.

Como me dói isso!
E toda noite, me martirizo,
Pois um poeta sem inspiração
É como um profeta sem iluminação
Ou como um apaixonado sem coração.
Devo me entregar? – Nada disso!
Pois, se hoje me martirizo,
É porque Deus, em sua infinita sabedoria
Não mais me ver escrevendo queria.
Mas, algum dia,
Esse ser
Há de novamente me conceder o dom da poesia,
Para que minha última noite torne-se dia
E para que eu possa ter uma última alegria
Para poder morrer,

Descansar em paz...

FEIRA.

De manhã armam-se barricadas,
Horas são gastas por aquelas pessoas alienadas
Para tentar vencer.

Com o único intuito de vender
Suas mercadorias são dispostas.
Logo, a guerra vai começar
Enquanto os feirantes não percebem algo às suas costas:
São meninos nem um pouco mimados,
Massacrados,
Esperando que alguma fruta seja jogada fora
Para enganarem com ela a sua e a fome
De seus pais e irmãos que vivem na favela.

Logo, a feira se inicia,
Com mulheres gordas comprando
E gordas ratazanas passeando,
Enquanto os insetos voam
E muitos meninos se amontoam
À espera de algo sobrando.

Ao meio-dia a feira termina
E logo, a calma substitui a gritaria,
Quebrada esta, apenas por ruídos do novo trabalho que se
[inicia.
A desmontagem das barricadas
E o silêncio...
Será o fim da guerra?
Não, com certeza, apenas de uma batalha,
Pois na próxima semana
Lá estarão eles de novo
E novamente estarão as mulheres gordas,
Disputando e pechinchando por um ovo.

Não, com certeza, semana que vem isto começará de novo.

O DESALENTO DE UM SOFREDOR

Ai, sofrer, sofrer,
Será que nada mais nessa vida há para se ver?
Ou será que a missão de todo homem aqui é esta:
Sofrer...

Será que Deus não ouve os lamentos?
De todo o seu povo, aos quatro ventos,
Pedindo para parar de sofrer,
Enquanto Ele não nos ouve
E deixa-nos morrer
Sem ternura, de amargura,
Por não conseguir parar de sofrer?

Oh Deus, todo-poderoso!
Como velas por nós, deixando seu povo desgostoso?
Será isto uma provação –
Ou apenas algo que destrói o coração
Por intermédio da dor?
Será o seu povo sempre sofredor?
E eu, que ajo de boa-fé;
Serei eu tão culpado quanto a ré?
Deus, Senhor, dá-me uma resposta,
Pois também sou do seu povo,
Eu também sofro
E em toda minha boa-fé
E em todo meu intento,
O que quase sempre é sinônimo de desalento,
Só consigo sofrer,
Tanto que já não consigo mais ver
Onde em ti eu terei fé.

Um pequeno escrito em um guardanapo,
Como pode ser?
É minha alma,
Cansada,
Enfastiada,
Dessa vida malvada,
Dessa existência insossa
Que precisa se manifestar;
De alguma forma se mostrar
Pois senão,
Que mais irá me restar
Senão o nada
A me atormentar?

TODOS OS POETAS DO MUNDO.

Quem me dera ser a encarnação de todos os poetas:
Gobineau, Goethe, Byron, Castro Alves, Victor Hugo;
Mas minha poesia é fraca,
Minha cabeça é fraca,
Todo meu corpo é fraco
E me falta a inspiração;
Sequer me utilizo de correta pontuação...
Tolo mortal!
Quem és tu, boçal
Para querer a todos os poetas do mundo ser igual,
Todo o sentimento do mundo encarnar:
Quem és tu, idiota?!
Ninguém, te respondo.
Sou um medíocre à procura do meu ponto,
Um idiota com sede de saber
Um louco procurando minha sanidade perdida...

DESALENTO

No meu desalento só consigo sofrer.
Mesmo que eu não tenha culpa
Esta é jogada para mim
Porque o protegido tudo pode
E dele em tudo se acredita
Enquanto que em mim nada se acredita
E eu nada posso.

Meu pior erro foi ser humano.
Humano demais para sentir,
Humano demais para me irritar,
Humano demais para amar;
Demais, para de desalento me encher.

As vezes penso que posso até morrer!
Não consigo conviver com esse sentimento
Pois para mim, o desalento
É de todos o pior e o mais sem-cabimento;
Tanto que só consigo pensar no que fiz,
Em como fiz,
Porque fiz
E da injustiça contra mim.

Apenas porque sou o mais velho,
Apenas porque sou homem,
Apenas porque consigo chorar,
Apenas porque sou humano,
Que meu desalento só consigo aumentar.

NOITES SEM FIM

Sem fim, assim são minhas noites
Onde durante estas, da solidão sinto os açoites
E sofro...
Vago durante as noites,
Como uma alma-penada
À procura da sua amada,
À procura de uma fanfarra,
À procura da vida,
Da alegria,
Buscando inspiração para sua poesia.

O que seria de mim sem meu rádio
E o meu cigarro?
Pois hoje, essas são as duas coisas que na vida me dão
prazer,
O prazer de algo para fazer
Além de andar,
Pelas noites sem fim vagar
Tentando te encontrar
Sem, entretanto, nunca te achar
Para na cachaça sempre acabar,
Tentando minha dor apaziguar
E fazer a noite acabar.

Mas da noite nunca sairei,
Porque minha vida é uma noite eterna
E eternamente sem porquê,
Acompanhado pelo meu sofrer,
Acho que vou desfalecer...
Não, nunca!
Hei de te encontrar!
E, mesmo que não o faça,
Assim mesmo irei te amar
E vagar...

Vagar por estas noites frias,
Noites que nunca terminarão em dias,
Noites sem fim.

MESMOS ERROS BANAIS

Novamente, aqui estou para da vida apanhar.
Embora eu tente com ela jogar
Já vi que para mim, pelo menos,
Esta é uma tarefa muito árdua
E difícil de realizar.

Novamente, direi
Novamente eu errei
E novamente o mesmo erro cometerei,
Muitas e muitas vezes errarei
Cometendo banalmente os mesmos erros
De minha adolescência;
Erros sem decência
Que eu fatalmente e novamente cometerei.

Portanto, antes que este torne-se irreparável,
Perdoa-me!
Pois cometi sem querer
Duas vezes o mesmo erro
E agora, sem nada poder fazer,
Estou novamente remediando,
Chorando,
Querendo descobrir em mim
Aquilo que me faz tão idiota,
Aquilo que você não suporta
Que é esta cegueira sem limites,
Tão grande que não consegui perceber
Que pela Segunda vez, o mesmo erro ia cometer,
Deixando-te escapar,
Apesar de te amar.

ESPERA

Estou aqui neste fim-de-mundo,
Neste fim-de-vida,
Desfrutando de uma grande dor:
A dor de sua partida.

Esperei durante anos,
Séculos, milênios,
Que você para mim voltasse.
Como isto não aconteceu,
Sinto agora como se minha vida acabasse,
Pois sinto que sem você não sou nada.
Ai, como é duro esperar
Sem ver regressar a sua amada!

Não se preocupe comigo, meu amor,
Pois estarei aqui, te esperando com dor,
A dor de o amor perder,
Dor por sofrer;
Acho que vou morrer:
Morrer de tanta dor,
Morrer de tanto te esperar.

Triste existência...
Cercado pela demência,
Cerceado em minhas idéias
Pela imprudência,
Torturado pelas lembranças,
Maltratado nas entrâncias
Dessa longa estrada da vida;
Nada mais me comove
E nada mais me demove
Da impressão
De pura podridão

Que tenho da fétida raça humana!

Estou cansado
De ser maltratado,
Esnobado,
Destruído
E desgraçado
E incompreendido!
Estou entrando em depressão
E não há nada nesse mundo cão
Que possa minha existência
Salvar, pois essa situação,
Ou melhor, sentimento,
Está na minha essência,
Assim como a demência,
Que me abalroa quando foge a esperança,
Deixando somente a lembrança
De um passado feliz,
Junto com a dura realidade
De um presente triste,
Que não passa de uma nebulosa saudade
Devido ao pranto derramado.

AO MUNDO, APENAS MINHA DOR

Ando pela Terra com esperança
Pois quem sabe, um dia, Deus me dará o dom
Pois vago pelo mundo numa eterna andança,
Apenas com,
Ou melhor: sem,
Sem conseguir amar ninguém.

Sem dúvida, eu sofro!
Por minha pena
Apenas
Sou acompanhado;
É ela quem
Aquém
Ou além
Do meu país me segue,
Apenas minha pena me compreende,
Ao menos ela me entende,
Pelo menos em parte.

Quando vai caindo a tarde,
Quando a noite vai chegando,
A minha tristeza vai aumentando,
Minhas lamúrias vão crescendo,
Pois eu continuo não tendo
A quem amar...

Posso esconder?
Sem dúvida,
Posso com bebedeiras e mulheres me entreter
Mas eu sei que ... lá no fundo,
Sei que o amor é tudo
E que, justamente por não conseguir,
O tento rechaçar,
Fazê-lo recuar,
Mas percebo que, apesar de tentar,
Nunca irei conseguir nada;
Talvez, quem sabe, apenas me matar,
Pois o peso de não conseguir amar
É demais para mim.
Sem dúvidas, sou uma pedra com forma humana...

PARA TODOS OS MEUS AMIGOS

Amigos, não se preocupem,
Eu estou bem,
Um dia, ainda telefonar-vos-ei,
Um dia, ainda me lembrarei
E aí então, chorarei...
Lembrando-me das diversões,
De tantas emoções que passamos juntos,
De tantos porres que tomamos juntos,
Das reuniões,
De nossas conversações,
De nossas andanças por este mundo,
De nossos descaminhos,
Saberei aí então, que não estou sozinho –
Lhes tenho tanto carinho...
Lembrem-se meus amigos:
Enquanto eu puder escrever,
Enquanto minha poesia não morrer,
Nunca iremos nos separar;
Seremos bons amigos até a vida acabar...
Obrigado.

ESTUPIDEZ

Minha estupidez não tem limites,
Pois por ela estou prestes a te perder –
Estupidez que me alucina,
Que me azucrina, me desatina;
Ah, estupidez cretina!
Ser estúpido, esta é a minha sina!
Por mais que eu tente,
Por mais que eu me esforce,
Por mais que eu te ame,
O máximo que consigo é ser estúpido
E pusilânime;
E por isso, não tenho coragem para te falar
E fico aqui, então, sofrendo,
Tentando,
Platonicamente te amar.

AMORES

De muitos amores
(e muitas dores),
Assim é composta minha vida.
Composta pela dor da partida,
Pelo meu apreço à morte,
Pela dor da ferida,
Pela falta de sorte,
Vinda do azar que tenho
Por causa do seu amor,
Que não tenho;
Pois para o inferno eu não venho,
Porque nele, nele já estou –
Sem teu amor,
Apenas sentindo dor,
Esperando a morte chegar...
Ah, bem amada, queres mais que isso
Para crer em mim?!

ASSIM É O BRASIL, ASSIM QUEREMOS NOSSO BRASIL

Mais bonito que as plêiades,
Esse é o meu Brasil,
Um país forte, viril,
Mas que se esconde atrás de um véu
Por achar que não é merecedor
De graças tão grandes quanto as que lhe deu o céu.

Um país juvenil,
Assim é o meu Brasil,
Que guarda em seu peito varonil
Os quatro cavaleiros do apocalipse:
Coisa que só o seu povo pode ver,
Que apenas seu próprio povo crê.
Um afeto difícil de descrever
É isso que sinto
Por aquele o qual canta o Hino
Das glórias no passado
E pelo qual canta este trovador
Sobre seu povo sofredor.

De maneira alguma poderia esquecer
Essa maravilhosa mistura de ritmos
Que faz a todo o mundo dançar
E que consegue a todos maravilhar:
Samba, pagode,
Timbalada, xote,
Lambada, baião,
Forró;
E não é só!
A cultura popular do Brasil é gigantesca
E apesar de com ela, estar acontecendo alguma coisa de

[Dantesca,

Ela ainda existe
E continua exuberante.

Ah, Brasil...
País de semblantes mil,
De uma miscigenação tal
Que ainda não extinguiu o preconceito racial:
Ah, Brasil...
Não decepções apenas a mim,
Mas a países mil
Que viam em você
Um líder para poder crescer.
Brasil, lhe mentindo não estou,
Portanto, escuta-me com atenção:
Só estás definhando por causa de seu alto escalão;
Será
Que já
Não é hora de mudar?
Está na hora de se transformar:
Não queremos mais profissionais,
Queremos pessoas interessadas
No bem do país;
Pessoas versadas
E letradas,
Porque é isso que o Brasil merece
Por ser o maior país do mundo!

MELANCÓLICO FIM

Melancolia,
Nada mais pode destruir minha alegria,
Já levada ao solo
E se debatendo no frio da morte
Devido à ausência de sorte
Que marca minha vida
E faz da minha existência
Uma podre e fétida ferida
Aberta, sem a mínima decência
E compaixão pelo mundo
Para se esconder:
Dissabor da vida – és o sofrer!

Sofro por tudo que já passei
E por toda heresia que herdei
De meus antepassados
Famosos, loucos, alguns mal-amados
Como eu, em minha curta
E louca existência sem alento.

Já abominei o apreço à morte
E exaltei a vida,
Já me gabei de honra
E mui honrosamente, vi partida
Minha emoção, e naufragar toda e qualquer esperança;
Já me alegrei com a bondade,
Mas a dor da saudade
Me consumiu –
E desse fogo que em mim ardeu
Nada sobrou, nem cinzas;

A não ser o cheiro de carniça queimada,
Vindo de minh'alma-penada
E de minha carne fadada
Ao esquecimento
Pelos homens e mulheres
Deste mundo por sangue sedento,
Que minha melancolia só consegue agora amaldiçoar!

O CANTO DO CISNE

Sou um atormentado pelos erros que não cometi,
Pelas loucuras que não fiz
E pelas coisas que não tentei.
Tanto que, na hora de dormir,
Não consigo evitar,
Tenho que pensar
Sobre toda minha vida
E aquilo que evitei
Sob o pretexto de me preservar
Mas que, na verdade traduzia apenas uma coisa:
O medo de falhar
Ou de me machucar.

Curiosa a vida
E suas guinadas, sempre uma estória repetida:
Quando tudo vai bem,
Tudo começa a dar errado
E, quando tudo dá errado,
Nem tudo começa a ir bem.
Terrível a força da existência,
Mais assassina que um trem,
Nos amargurando até a essência
Por saber
Que teremos que conviver
Com tudo que pudemos fazer
E não tivemos coragem;
Por saber que tivemos a felicidade
Nos sorrindo, chamando
E que simplesmente a evitamos
Por uma noção boçal de controle,
Sabe lá Deus porque!

Se ao menos Ele pudesse explicar
Porque damos tanta importância
À fugacidade dessas coisas –
Inconstância –
Esse é o princípio de tudo
E o início do fim;
Pelo menos para mim,
Pois já desperdicei todas as minhas possibilidades
E agora, nada me resta a não ser a amargura
E a tortura
Por todos os erros que não cometi
E todas as loucuras que não tentei!

A felicidade
Já deu seu canto de cisne ...

É difícil não afundar na depressão
Quando se percebe a omissão
Da pessoa amada
E o desprezo
Que mina o alento
E a vontade de viver.
O sentimento é o vinho da alma:
Serve-nos para alegrá-la
E quando nos falta,
O que nos sobra, senão amargura?
Quando foge-nos a ternura,
O que nos tornamos
Senão animais enjaulados,
Perdidos e amargurados?
Pois é como me sinto hoje!

Agora que a poeira baixou
E que percebo a realidade,
Posso queixar-me da saudade
E lutar pelo que perdi:
Só que me falta forças para resistir!
Minha alma está faminta,
Pela falta de alimento
E meu coração, coitado (!),
Já não tem mais forças,
Graças à falta de alento,
Que gela meu sangue
E me torna nada melhor que um metal
Impuro, manchado pelas sombras
Do escarnecimento
E arranhado e carcomido
Pela dor de ter se partido
Em pedaços que não poderão mais ser fundidos,
Pois perderam-se no vão do tempo,
Em uma época feliz,

Onde era possível amar
E o sofrimento, era apenas uma vaga lembrança
De minha época de fanfarrão,
Da minha andança.
Outras mulheres? Nem pensar!
Cada vez que vejo uma, me ponho a recordar
Essa época em que era possível amar
E que ser feliz, não era assim tão difícil.
Quando recordo esse período, me é impossível não chorar!
Dizem que o pranto, quando puro, lava a alma:
Como posso lavar
Algo que não mais possuo?
Pois se nas horas calmas vegeto,
Nas horas movimentadas me desvirtuo,
Manchando-me ainda mais
Com a marca dessa dor;
Vós maldita (!), que não me abandonais!
Já estou morto!
Já estou morto!
Já estou morto!
Somente me esqueceram aqui em cima,
Pois esta é minha sina:
Ser esquecido,
Até na hora da morte!
(Triste sorte !)

Há três dias de morrer

Estou há 3 dias de morrer...
O quê, em 72 horas, posso fazer
Para ir embora desta vida
Um pouco mais feliz,
Ou sábio?
Conseguirei encontrar unguento
Para minha ferida
Em 72 horas ? – Ah tormento!
Não tenho mais esperança
E qual a valia
De abreviar meu sofrimento?
Afinal, falta um dia,
E mais outro e outro dia
Por fim, para que tudo termine,
Se extinga, finde.
Poderia encontrar a pedra filosofal,
Ou qualquer outra coisa sem igual?
Conseguiria granjear respeito,
Ou até mesmo honra, sinceridade,
Amizade;
Em 3 dias, 72 horas, ou mesmo uma vida?
Não sei.
Já não me resta esperança
De continuar minha andança
E já não tenho forças
Para pensar,
Filosofar ou cogitar;
Pois todo meu corpo dói
E percebo apenas que há 3 dias de morrer,
Nada mais há para se ver
Além de dor, incerteza e ...
Nada...

“Revertere ad locum tuum, ecce locus in quo habitamus”.

A Ressurreição do Cântico do Calvário

Ah, a vida!
Quando a garrafa esvazia,
Ela perde a graça
E muito embora exista ainda o amor,
Ele está em algum lugar
Que simplesmente não consigo encontrar.
Gostaria de escrever meu testamento ...
Legaria à humanidade meu sofrimento
Por todo seu opróbio;
Quem sabe ela possa se redimir?
Seria como pedir
Para a felicidade existir
Ou como acreditar
Que podemos ser felizes
Ou até que podemos pensar
Sem que sejamos controlados.
Pois eu e minha alma já estamos cansados,
Queremos descansar...
É uma pena que seja tão covarde para a própria vida
[abreviar,
Poderia muito mais evitar.
Incrível como as pessoas a que se pretende amar
Gostam de brincar
De traição,
Conjectura miserável que me atormenta!
Deus! Nem minha pessoa me agüenta,
Assim como já sinto me faltar as forças,
A capacidade
E a vontade de viver,
Pois o whisky secou,
O cigarro praticamente já queimou
Todo, e esta pena começa a pesar...
Não tenho ânimo para pensar,

Capacidade para sonhar,
Forças para viver
Ou paciência para esperar.
Com a garrafa vazia,
A mão direita já dura e fria,
O coração petrificado
E todo meu âmagô azedado
Por esta existência de sofrimentos infindáveis,
Nada me resta a não ser definhando
E esperar a derradeira hora chegar:
Somente assim poderei em paz,
Finalmente descansar...

JOGO DE PALAVRAS

Ignorância,
Perversidade;
Amor,
Saudade,
Dor;
Felicidade,
Imaginação,
Idiotice,
Crendice;
Imbecilização,
Realidade,
Maldade,
Crueldade –
Formas de escapulir:
Drogas –
Sinônimo;
Sicômoro,
Inexistência,
Assim como a decência
Ou a piedade.
Solidão,
Sociedade,
Civilização,
Necessidade
Não saciada.
Pedofilia,
Perversão,
Fruto da inversão
Dos valores
Nesse mundo de horrores
Tão forte,
Mas onde um jogo de palavras
É mais nocivo ao ***status quo***

Que qualquer arma já fabricada!

DEVANEIOS SOBRE A JANELA

Quem é ela,
Que se esconde atrás da janela?
Alguns a chamam de morte,
Mas eu prefiro chamá-la de liberdade;
Pois numa vida ditada pela saudade
Qual outro tipo posso ter de sorte?
Talvez exista vida após a morte
Ou talvez sejam apenas devaneios...
Cada vez que penso,
Me sinto enjoado –
Verdadeiramente enjoado
De tudo, todos, até de mim mesmo.
Caí no abismo da depressão
E agora não há força, nem caminhão,
Que me tire ou reboque dela:
Pois tudo fiz para que a doce e bela
Felicidade
Não me abandonasse,
Mas agora...
Maldição!
Não tenho outra explicação.
Sempre sofri,
Sem conseguir entender
E sempre me vi
Tentando me controlar, compreender.
Mas já não consigo dormir –
Os dias são pragas,
As noites maldições
E toda a vida, nada,
A não ser uma eterna falta de sentido...
Estou cansado! Quero ir para casa!
Mas não adianta;
Pois é na solidão de meu quarto

Que vejo
Tudo, claramente,
Que acho que esquartejo
Minha própria alma
Atormentada, e assim evito,
Fechando as janelas, à entrada da luz,
Me fechando permanentemente
No negror, na escuridão,
Como um miserável refugiado,
Recém-expatriado.
Meu Deus! Meu ânimo está esfarrapado,
Pois de tanto que tenho apanhado
Desta existência funesta,
Já não agüento mais viver olhando pela fresta
A felicidade alheia,
Sabendo que tudo, até a areia
Do mar pode sonhar,
Ter o vento a lhe acariciar
E assim se felicitar.
Mas não consigo...
Talvez precise de abrigo.
Mas do que realmente preciso
É da senhora da janela
Doce morte, tão bela,
Apenas me esperando chamar
Para que possa vir e me libertar
Desse mundo horrível
Que me dá motivos apenas para chorar!

Rimas ao acaso

Estou sucumbindo.
É uma dor maior que o próprio mar,
Não sei até quando vou agüentar,
Mas me faltam forças para lutar
Contra algo que já considero
Como parte de minha pessoa.
Sim, porque eu e a melancolia
Já nos fundimos
(ou confundimos),
Tanto que, um não sabe
Onde termina o outro.

Passo o dia em contemplação,
Enchendo a cara,
Para à noite, antes do descanso,
(se é que ele existe),
Me acabar:
Passo a noite vomitando
E urrando,
Gritando imprecações para a vida –
Bandida! –
Que me mantém cativo,
Apesar de todo meu cultivo
Da morte...
Não estou entregue à própria sorte
Porque não sei o que significa a palavra.

Minhas esperanças estavam concentradas num ser:
Onde está você,
Que povoa meus sonhos,
Invade meus dias
E interrompe meus vômitos?

Quem é você – esparro?
Você que interrompe o fluxo do catarro
Que vem acompanhado
Do sangue que jorra
Toda vez que tusso!
Como sua desconhecida lembrança
Se atreve a interromper minha morte,
Lenta,
Dolorosa,
Poética,
Do jeito que sempre sonhei?!
Como ousa quebrar minha melancolia
Se não te conhecia,
Apesar
De hoje em dia
Ter uma idéia de ti?

Maldita lembrança,
Que atrapalha minha andança,
Evitando-me abreviá-la:
Quem és tu – bastarda –
Para ditar
As regras deste jogo sujo
Onde não existe ganhador? –
Apenas perdedor.

Estou cansado...
Meu ânimo já está fraco,
Até mesmo para bravatas,
E de nada vai adiantar
A lembrança do que não conheci,
Ou a saudade do que não achei;
Pois o mundo só tem um Rei
E levado ao feminino,
Seu nome é: morte!

Olhando a cruz,
Paro e reflito:
De que serve a vida?
Pois nessa estrada,
Senhor, só encontrei aberta
A ferida da minha existência,
Falta de prudência,
Demência
E uma completa e total carência,
Daquilo que esquecemos na poeira da história:
Humanidade.

Há muito não sei o que é amor,
Nem sinto mais saudade,
Mas olhando sua cruz, Senhor,
Vejo nela paz e tranqüilidade:
Tudo que sempre busquei –
Mas nunca consegui encontrar!

Ajuda-me Senhor!
Pois vendo sua cruz
E como ela reluz
Em santuários, toda de ouro,
Minha fé padece
E minha vontade de viver enfraquece.
Ajuda-me Senhor!
Por favor!
Pois não sei quanto mais irei contemplar,
Conseguindo evitar
A vontade, quase esmagadora
(pesado fardo!) –
De querer te encontrar:
Pois creio que somente assim,
Poderei, possivelmente, enfim,

Me ver livre dessa jaula
Chamada “civilização”
E encontrar minha própria humanidade,
Esquecida em algum lugar
Entre o nada e a eternidade...

Como pode a felicidade acabar,
Toda uma vida desmoronar
Em apenas uma noite?
Já foi há algum tempo,
(maldita noite de tormento!);
E desde então
Cessou-me toda boa emoção
E findou toda esperança,
Assim como toda minha bonança
Parece ter sido em vão:
De que adianta amar,
Se lhe partem o coração?!

De que vale a vida,
Principalmente, abandonada pela sorte,
(ah! Mais vale cortejar a fria morte!)
Do que esta doce falsa amiga
Que lhe abandona,
(maldita sorte!),
Na hora em que levantas da poltrona
E resolves tomar a decisão.
Quando pretende-se tomar as rédeas da vida na mão,
Todo Universo conspira
Contra qualquer pretensão
De sucesso.
Do amor perdido, não há regresso;
Entenda-se que não há cola nesta dimensão
Que cole as partes de um coração
Esmagado
Pela dor
E pisoteado
Pelo escarnecimento
Desta existência sem alento.

Neste mundo, só ouve-se um lamento
Em coro, de todo coração
Que conheceu alguma vez,
Algo mais alto que inveja
E mais duradouro que paixão.
A realidade é dura,
Mas devemos manter os pés-no-chão:
Não existe amor correspondido;
Pois este sentimento bandido,
Ao menor alarido
Ou manifestação
Escapa-nos, destruindo nossa compreensão
E deixando um rastro de corações partidos.

CONFISSÕES DA PAIXÃO

Sempre duvide, meu amor:
Do brilho das estrelas,
Da verdura da grama, da pureza da vida
E da índole humana;
Mas não duvide do que sinto por ti.

Duvide da amargura,
Mas nunca de minha ternura;
Da capacidade,
Mas não de minha felicidade
Ao te beijar;
Duvide sempre da força,
Mas nunca ponha meu coração
Na força
Ou até mesmo em questão,
Pois o que sinto por ti,
Ultrapassa os limites da compreensão!

Minha métrica é insuficiente
E minha reputação é indecente
Mas, pode crer plenamente
Meu amor, que quando digo
Que te amo
E que te abrigo
Em meu coração
Estou sendo plenamente sincero,
Simplesmente porque te quero
Todo bem do mundo.

Preciso confessar
Que no início era um passatempo,
Um divertimento,
Algo com que brincar –
Mas com o passar
Do tempo:
Ah, maravilhoso alento!
Vi minha ternura reaparecer
E meu coração acalentar
Simplesmente com o olhar
Dengoso, que você fazia
Após me beijar.

Fiquei extasiado,
Emocionado
E não pude deixar de me alegrar
Quando você aceitou minha proposta:
Ao fazê-la, me senti um idiota,
Um menino de colégio
Sem saber como agir,
Nem que palavras usar:
Então resolvi,
Naquela noite, momento, simplesmente falar
O que meu coração estava a ordenar
(tolo), ainda a pensar
Que não iria me enredar.

Tua presença me incendeia,
Teu cheiro me inebria
E não posso deixar
De secretamente acalentar
Os momentos que viemos a passar
Juntos: maravilhosos,
Porque tinham sua presença a me excitar.

Teu rosto me paralisa,
Teu sorriso me enlouquece
E a cada movimento seu,
Meu corpo padece
De paixão por ti!
É lamentável que moremos
Tão longe um do outro,
Que não possamos nos ver,
Que meu coração não esteja solto,
Batendo velozmente por estar a seu lado.

Para finalizar:
Você pode vir a duvidar
Do mundo,
De tudo,
Da existência da verdade
Mas, amor, nunca duvide da saudade,
Porque é ela quem nos une
Quando não podemos nos ver,
Nos acalantar,
Nos beijar,
Nem nos amar.
Tenha esperança:
O tempo passa
E logo viremos a nos encontrar!

Daquele que sabe ser seu,
Acrísio Bicudo Fontes Neto.

ABAIXO OS GENERAIS!

Tortura,
Sofrimento,
Desilusão.
Agrura,
Falta de alento,
Choque no coração –
Desumanidade!
Quanta maldade
Foi perpetrada
Por essa escória uniformizada
Que atormenta nossa história
Com suas facas sujas de sangue
E cobertas de uma pseudo-glória
Que só eles conseguem enxergar.
Seres demoníacos,
Lobotomizados,
Violentos,
Mal-humorados
E desintelectualizados:
Abaixo os generais!
Não passam de boçais
Que assolam a Nação
Com teorias toscas
De existências bruscas
Que só conhecem a voz do mosquetão!
Causam dor,
Sofrimentos
E inúmeros sangramentos,
Em nome da Nação;
Que não suporta mais vê-los
Desocupados,
Alienados,
Pensando na próxima “Revolução”.

Devemos extirpar
O mal pela raiz
Antes que nos venham a cortar,
Sangrar o nariz
E perfurar o pulmão:
Abaixo os generais!
São todos uns boçais
Massacrando a Nação
Com suas idéias vãs,
Suas teorias tolas
E suas manias de perseguição!

Uma noite na praia:
Sentindo a brisa do mar,
Vendo a Lua a brilhar,
Até posso pensar
Que é possível sonhar
Além do sono eterno
Que é o morrer.

De fato, o viver
Nem me parece um estorvo
E nesse momento,
Nem me lembro
Do emissário de Tânatos – o corvo
Que às vezes ronda meu pensamento;
Pois o que vejo nessa noite
Não é lamento,
Nem escuridão;
E sim um brilho prateado
Magnífico (!) – um portento
Que ilumina meu coração,
Pois sei que tenho amigos
E que caso venha a passar perigo,
Eles me ajudarão.

Obrigado!

PRETÉRITO DO FUTURO

Do fogo que apaga as trevas,
Renasce a esperança;
Do amor que floresce na Terra
E reanima o coração,
Decresce a tristeza
E toda nossa certeza
E vontade de fazer
Um mundo melhor para se viver
Reanima-se perante a existência.

Toda nossa aquiescência
Com as coisas podres
Que nos são mostradas;
E todo agouro
Que jogamos sobre as pessoas abastadas
Doem em nossas cabeças
Semi-lobotomizadas
E, após certo tempo, nos fazem pensar
Em como melhorar,
Como evoluir
Para a perfeição, quem sabe, atingir
Ou senão,
Amargar o resto de nossas vidas
Em uma cela
Escura, gelada, feita de pedra,
Que tornar-se-á nosso coração.

Temor de agir: chama-te solidão!
Pois todos agora movimentam-se
E, cada vez mais, alentam-se
Com a perspectiva de trabalhar
Para dinheiro ganhar
E sua família poder alimentar
E seus filhos educar
Para, quem sabe, um dia
Vê-los lá em cima a trabalhar
Para as vidas
Tão sofridas
De nosso povo melhorar.
Futuro que nunca chega,
Mas que poderá chegar:
Teu nome é Brasil!

E um dia,
Nosso povo dançará de alegria
Por saber que há Justiça,
Alimentos e educação para todos
Há 500 anos
Somos o país do futuro:
Está na hora de as mangas arregaçar
E de começar
A arduamente trabalhar
Para que, em um glorioso dia,
Possamos ser o país do presente!

Na noite me sinto em casa,
Não posso mais evitar:
Meu espírito – perdido! –
Já não consegue se desvencilhar.
As danças,
As músicas,
O burburinho,
As pessoas a cantar:
Não me contagia a alegria –
Não tenho mais a esperar!
Já passei por muitas coisas,
Mas nenhuma é tão...
...envolvente quanto a noite!
Não sinto o açoite
Da minh'alma a chorar!
Porque na noite me perco,
Me embebedo
E me cerco
De um muro,
Para que o meu coração
Eu não possa enxergar!

CÂNTICO DA SAUDADE...

Estando em Paris a visitar,
Já não posso mais suportar
A falta que faz
A meu coração, minha amada cidade:
Quero voltar para casa!
Quero ver o Corcovado,
O Pão de Açúcar, a Floresta da Tijuca,
Meu povo pelas ruas a andar;
Quero ver o meu Fluminense
E no Maracanã sorrir e chorar
As glórias dos cem anos
Do maior Clube do Mundo.
Quero ir a Laranjeiras,
Quero à Urca visitar:
Preciso urgentemente da minha cidade,
Para meu coração acalantar.
Ainda há três dias do retorno,
De saudades não posso agüentar:
Quero o meu Rio de Janeiro,
E os lugares que me são mais caros,
De onde posso observar
O meu povo a cantar.
Não me importam as desventuras da vida,
Só quero para a minha amada cidade retornar!

COM MUITO AMOR, SEMPRE TRICOLOR

É difícil descrever
O que vem a me suceder
Quando a palavra “Fluminense”
É por mim escutada:
A emoção é muito forte
E, devo admitir,
Que não me falte um dia a sorrir
Ao me lembrar de seu glorioso escudo.
O Fluminense é amor,
Paixão,
Glória
E, acima de tudo: tradição!
Em teu pavilhão
Fulguram as glórias da antiga nobreza
E da gana por vitórias,
Que caracteriza o povo de nossa terra.

Nenhum Clube d’aquém ou d’além mar
Pode a ti, ousar-se comparar:
Em glórias és inigualável;
Em títulos, indisputável;
Em garbo, inquestionável;
Em beleza, incomparável!!!
Não te faltam inimigos a pelejar,
Mas quando dizem: “soçobrou” (!),
Eis que vens a renascer,
Para, como sempre, fulgurar
Como o maior entre os maiores
E o mais humilde entre os nobres,
Que teu pavilhão, desfraldado, vem a emocionar!

Heróis?! Tens muitos!

Nem todos os Héracles e Perseus que já existiram,
Ou mesmo os do porvir, poder-se-iam comparar:

Assis,
Washington,
Preguinho,
Mickey,
Renato Gaúcho,
Roger,
Roni,
Paulo Victor,
Romerito,
Didi,
Telê,
Tim,
Delei,
Rivelino,
Paulo César Caju;
Os nomes são tantos,
Que seria necessário
Dez vezes o território Nacional
Para registrar todas as suas glórias
E seus protagonistas.

Por tudo isso:
Pelo passado glorioso,
O presente
E o futuro que se apresenta,
Eu e mais dez milhões, espalhados pelo planeta,
Podemos dizer, com orgulho,
Sem temor e emocionadamente:
Com muito amor,
Sempre serei TRICOLOR!!!

Parabéns pelos seus cem anos, FLUMINENSE FOOTBALL
CLUB!!!

Retomei o curso de minha vida
Mas, embora esteja novamente a me controlar,
Continuo com a mesma dificuldade de amar:
Creio que para totalmente recuperar
A minha auto-confiança
E para todas as minhas chagas definitivamente curar,
Deveria me apaixonar ...
Realmente, não sei o que se sucede:
Qual o porquê de toda essa dificuldade,
O porquê de eu não sentir coisas como saudade,
Ou simplesmente por alguém me interessar.
Só posso acreditar
Que todos os problemas me deixaram mais maduro
E que, mesmo que venha a ter recaídas,
Estou a paulatinamente me recuperar
Para as rédeas da vida tomar,
O mundo conquistar ...
... tudo a seu tempo:
O amor pode esperar!
Pois agora, do que preciso,
É de mim mesmo a pensar
E labutar
Para construir meu futuro
A partir das ruínas de meu soturno passado.

Durante anos tomado pela demência,
Pela falta de alento,
Sentindo sucumbir meu sentimento,
Aumentar meu sofrimento
E o grau de petrificação
De meu coração
Me pergunto:
De que valeu essa depressão?

Depois de tentar
Minha vida abreviar,
Após grande desilusão;
Hoje, após tudo, me questiono:
Recuperei meu coração?

Realmente, não sei responder...
O que posso dizer,
Apenas, é que hoje
Sinto-me renovado
E, senão esperançoso,
Pelo menos voltei a ser brioso,
Porque recuperei meu amor-próprio.
Como é bom ser eu mesmo novamente!!!

OLHOS

Olhos castanhos são sofrimento,
Enquanto os verdes são para estes um alento
E a causa deste sofrimento.
Olhos negros são olhos examinadores
E olhos azuis são olhos sonhadores,
Olhos que sonham com os olhos castanhos
Que perdem seu tempo
Sofrendo,
Por aqueles que são seu alento
E a causa maior de seu sofrimento.

DESCRIÇÃO PESSIMISTA DA VIDA

A vida é uma noite densa e escura,
Assim como uma rua,
Só que no fim, encontra-se a morte
E, mesmo tendo-se sorte,
Nunca conseguir-se-á dela escapar,
Porque a rua é sem saída
E sem reotorno.

ANÁLISE DAS ALMAS

Quando se lida com a podridão,
Vê-se que os corpos de alguns
São como, cada um, um grande caixão
Com uma alma deformada,
Em estado
Já bastante avançado
De putrefação.

Vê-se que um ou outro coração,
Já talvez cansado da vida
Deixa abrir ferida
Horrorosa, tão profunda,
Que gangrena
E se torna um tormento
Para as almas, já sem alento
E sem o sustento
Necessário para a vida do espírito:
O amor,
O bem
E a compaixão.

OLHOS VERDES

Olhos que transparecem sedução,
Que transmitem perigosa emoção:
Penetram no fundo de minh'alma
E fazem com que toda a minha calma
Se transforme em paixão...
Olhos da minha perdição!!!
Olhos de esperança
Que me fascinam,
Me dominam:
Olhos da cor do mar!!!
Lindos olhos que me fazem sonhar
Em como seria bom
Se me dessem uma chance,
Se me deixassem te amar...
Preciso de sua luz para viver,
Preciso que me olhem para não morrer
De desgosto
Caso venha a perceber,
Que estes lindos olhos verdes que de longe admiro
Apesar da cor, não traduzem esperança
E nem a felicidade almejada
Que neles procuro, para a minha alma
E meu pobre coração
Inflamado de paixão.

VOCAÇÃO

Ah, o mar...
Embora muitas pessoas achem o contrário,
Deveras não acho necessário:
Para quê viajar?

O Brasil é o País mais bonito do mundo:
Seu mar,
Seu céu, que me toca lá no fundo,
Seu povo moribundo
Mas muito espirituoso,
Seu ritmo...
Sempre que ouço,
Sinto algo palpitar em meu íntimo.
Após isso, percebo que não sou brasileiro apenas de nascença
E sim por vocação:
Sim, eu sou brasileiro também de coração!

CHUVA.

Uns dias, quando Deus está furioso,
Furiosa chuva se abate sobre o ser humano brioso.
Outros dias, quando Ele está triste,
Tristemente, como um pranto, cai a chuva,
Consolando o mais desolado dos homens.
E quando o Senhor está feliz,
A chuva cai alegremente,
Como um pranto de felicidade...

Estranho fenômeno esse;
A chuva pode ser sinônimo de tristeza, desolação, furor
E causa-nos tristeza, alegria e até estupor.
Que coisa linda...
Ela é um espetáculo belíssimo!
Melhor que o calor,
Mais bonita que dos mares o furor
E tão triste e linda como o amor.

Ah, fenômeno lindo
Que sobre a Terra se abate,
Que continue, que nunca pare,
Porque o meu coração sempre que te vê
Percebe em você
Uma solidão tão grande
(se não maior)
que aquela que sofro.

RECLUSÃO VOLUNTÁRIA NO DOMINGO.

Ultimamente, tem-me faltado a inspiração.
Sem explicação,
Neste domingo, dediquei-me à reclusão
E permaneci no recesso de meu quarto,
Com o mundo na palma de minha mão,
Mas sem paciência para desbravá-lo.

Quem sabe, esperando o resultado do Flusão,
Ou um pequeno ataque de depressão
Ou ainda, mais um acesso-de-raiva,
Só que sem a mesma virulência dos outros.

De fato, não sei.
Talvez, numa vã tentativa de organizar meus pensamentos.
Neste domingo, revi a minha lista de alentos
E percebi que não tenho nenhum deles.
Talvez por isso tenha ficado quieto hoje,
Sem falar com nenhum alguém:
Afinal, um pouco de paz não faz mal a ninguém!

Há de acontecer,
O mundo há de acabar.
Qual outro motivo
Para tanta raiva, frustração;
É: o planeta está para estourar,
Assustado, em sua própria degradação.
Quando falo em putrefação –
Na realidade – mera reflexão
Sobre a humanidade:
Seus usos, costumes e jeitos
De demonstrar sua insanidade
Contra aqueles que se destacam
Da “comunidade”
Por suas virtudes, inteligência e bondade.
Infeliz esse planeta,
Que tem que abrigar tal “humanidade”:
Voltamos à barbárie!
Ninguém mais tem direito à honra,
Não existem mais nomes
E nem reputações:
Existe a mídia
Forçando distorções
No “horário nobre”,
Onde – apesar do nome –
Só calúnias, absurdos e depravações
São seus produtos.
Pobre do povo,
Pobre do homem,
Pobre do planeta –
Deus deve estar envergonhado!